

Falsa Espera

Uma linha completa toda feita de horizonte...

Trata-se aqui de viver lugares que sempre conhecemos, espaços onde raro parámos, tolhidos pela leitura fraca e escassa desse nunca ficar!

Como numa *boémia de luxo*, prolífica e doce, entramos aqui numa deriva simultaneamente aberta e direccionada, tanto conduzidos pela artista quanto pelas leituras íntimas que os ambientes e lugares que atravessamos nos inspiram e permitem; esqueletos/sinopse que são estes de um presente/passado importante, feitos gritos sem eco rumando ao futuro.

Cada parte, cada quadro, apresenta-se-nos como o indício pleno da sua própria totalidade, e parte que é também de um todo, maior outro. Cada um tem uma “vontade no mundo”, observa a artista. Esse laranja aberto que amua depois, mas convive de perto com um negro bem maior e fechado...

Podemos ler ao longo desta estrada/história uma depuração do que é a *relação de proximidade* enquanto vivência da dinâmica da diferença. Nesse sentido esta obra é um esqueleto sumário da diversidade do relacionamento enquanto encontro e convivência de opostos, de semelhantes, de concordantes, de inconciliáveis...

Este tema, universal e complicado, é aqui enunciado simplesmente e brevemente resolvido, na progressiva e ondulante fluidez do seu próprio acontecer.

Como uma amostra estratégica e amoral da completude maravilhosa que reside nesse encontro/colisão de *diferentes*, aqui nos é dado sentir um corpo de voz que grita infinito - feito de partes que se vão suportando e vivendo juntas, feito exemplo de um maior colectivo.

Representativo e múltiplo, englobante e ambicioso, este trabalho obriga a um percurso afirmativo e exteriorizante porque interiormente único, individualizante, interrogativo!

Aqui também acontece uma apuração formal e sumária que nos mostra o retrato mágico do espírito dramaturgico de cada espaço - uma cenografia última sem drama, disfarce ou encenação. São então lugares estes de onde o falso e o acessório foram expulsos ou nunca entraram, inconciliação fatal decorrida da pureza absoluta reinante em cada recanto, entrada, passagem...

Estas paisagens pós-humanas apontam abrangentes para a escolha íntima, para o caminho próprio, devolvendo a cada um a luta com o seu pontual mistério.

A ausência que se desprende daquela paz calma exige a consciência da paisagem escolhida, e a coragem clara de a percorrer. Aqui ao segredo se responde com o desejo; ao medo da vida com a força da mudança; à tragédia com o crescimento; à pequena morte com a completude, bem maior...

Porque tudo permanecerá exactamente ali, muito tempo depois, mesmo...

Este *minimalismo expressivo*, parco em cores e forte em raciocínio, trata assim do *lugar interior plural*, transformando uma longínqua aventura numa privada e maravilhosa odisseia. Dá-nos na tela em branco dessa comum pluralidade a exigência e a oportunidade de reconhecimento e conquista de um lugar próprio, nosso, exclusivo.

Numa das cenas do filme *Stalker*, de Tarkovsky, os três personagens partem enfim para a *Zona*, rodando sobre carris, a câmara captando os seus rostos, a paisagem difusa em pano de fundo alternando, sempre a preto e branco, com o cenário deserto dos arredores decadentes da cidade. Partem em busca de sentido, de si próprios, do seu *lugar interior*. A artista refere esta cena como uma das chaves possíveis para o seu trabalho.

Longe de uma postura de mera contemplação, o que aqui se espera de nós, se exige mesmo; é uma acção de descoberta, vivência e preenchimento deste lugar interior que é de todos, feito aqui seu por cada um. Ponto de partida para a desconstrução activa do mistério que lhe assiste - qual é a sua natureza? o que se segue mais à frente? -, Gisele Camargo dá-nos a viver neste exercício de liberdade o acto criativo em teoria apenas reservado ao artista.

É-nos aqui dada a paleta básica de espaço/cor/forma da qual se nos exige, em livre mas produtiva participação, que construamos um caminho que apenas nós percorreremos. Conquista doce e trabalhosa, progressiva aventura de avançar num querer sentir, ser e criar...

Chamar a esta experiência de *reticência aberta* talvez nomeie um carácter principal que lhe assiste. Ela configura, na beleza complexa que habita na sua rica linearidade - paisagens, lugar, momentos, côr, desejo e memória – os pontos de partida de um *olhar o futuro*; devolvido que é esse olhar num pouco colorido registo de forte e convidativo encorajamento.

Esta categoria múltipla, transversal e colectiva, desdobra-se tanto mais quanto mais se projecta nesse futuro. Um segredo a que vamos chegando ao avançar - alvo do nosso desejo feito movimento - pelo caminhar dentro e alargar da nossa única perspectiva.

A linearidade formal da obra esconde e contém a explosiva multiplicidade de acontecimentos e simbologias que ali moram, exactamente como os mais belos e obscuros horizontes espalhados pela natureza.

Humana ou não.

Seremos assim aqui todos criadores, respondendo - inventando - à chamada em aberto, vinda do nosso mais ambicioso e receptivo futuro.

Jorge Emmanuel Espinho